

O QUE EXPRESSAM AS RELIGIÕES E NÃO MORRE COM ELAS

MARTA GRANÉS

*Centro de Estudio de las Tradiciones Religiosas, cetr.net,
Barcelona, Cataluña, Espanha*

É um fato aceito que em todas as épocas os povos tiveram uma religião, e que, ao longo de sua história, eles a mudaram não somente por imposição de algum conquistador, mas por sua própria necessidade de se adaptar a novas formas de vida. É um fenômeno comum nas coletividades humanas.

Antropólogos e historiadores da religião estão de acordo em que podemos detectar, em todos os povos, religiões pertencentes a três tipos de culturas: a das sociedades de caçadores-recolhedores, a dos agricultores e a dos criadores de gado.

A primeira pertence à época em que se vivia da caça, aproximadamente a partir dos hominídeos superiores até quando, pela diminuição da caça, foi preciso recorrer à agricultura de subsistência, o que em alguns lugares aconteceu precocemente, a partir de 5.000 a.C., e durou até a época atual.

Em ambas as sociedades a religião era transmitida em relatos mitológicos cuja função era dupla: por um lado, explicavam como era o mundo e como os humanos deviam agir nele (essa era a função principal do mito: programar a coletividade); por outro, tais relatos serviam também para dar forma ao que estava além do mundo dos homens. Os mitos permitiam poder planejar, de maneira adequada, a sobrevivência do grupo – tanto o humano quanto o sagrado –; eles davam às mentes humanas uma visão de acordo com sua forma de viver. Os mitos a dirigiam e eram o padrão para a construção da sociedade. Por exemplo, os mitos e os rituais dos caçadores serviam para que eles pudessem ver o mundo de maneira adequada à caça e para, assim, serem mais eficazes na sobrevivência coletiva. Essa mitologia foi sendo forjada pouco a pouco, por tentativas e erros, até chegar ao formato definitivo. O mesmo acontece com os povos agrícolas.

Acreditava-se que essa mitologia que dava forma ao mundo humano e ao que escapava das dimensões humanas, o sagrado, teria vindo do céu, dos antepassados, dos deuses. Com isso surgiram os mitos, e os rituais ligados a eles (a religião), que são a lenta criação dos povos ao longo de milhares de anos. E daí tornaram-se intocáveis, fixos e, portanto, eternos.

Isso foi possível porque os povos não tinham consciência do longo processo de sua criação. Nossa situação é diferente; agora sabemos que as mitologias são produtos culturais para facilitar a vida das sociedades e também para orientar na busca do sagrado.

Os estudiosos estão de acordo em que a mudança de religião ao passar da vida da caça para a da agricultura supôs uma grande ruptura na maneira de ver o mundo e o sagrado. A mudança de uma sociedade para outra foi relativamente rápida, ao passo que a da mitologia exigiu mais tempo. Viver da caça implicava uma forma de ver o mundo, senti-lo e agir nele. O mundo dos caçadores tinha sua forma de organização, de família, de educação, tinha um corpo simbólico próprio adequado à sua cultura, tinha sua interpretação do sagrado, seus rituais. Tudo isso explicava seu mundo e a relação dos indivíduos com ele. E, de repente, deixa de ser significativo, não adequado à nova realidade ligada à agricultura.

Abandonar a caça para se dedicar ao cultivo agrícola supôs o desmoronamento de todo um mundo. Obrigou a mudanças drásticas nas relações inter-humanas, na maneira de enxergar a realidade, que afetaram também o modo de interpretar o sagrado e consequentemente os rituais. Não é difícil imaginar o grande desconcerto daqueles povos, nossos antepassados, ao se darem conta de que a cultura herdada, os valores de seus ancestrais, o que fora transmitido por eles, incluindo a religião, deixava de ter significado, de ser guia de suas ocupações, de sua vida.

Façamos uma pequena descrição da mudança vivida a respeito do sagrado nessa passagem. Na sociedade de caçadores, a vida era matar e comer os animais caçados. Se deles dependia a sobrevivência, isso queria dizer que a vida estava neles, ou seja, eram sagrados. Tudo em seu mundo tinha relação com a sobrevivência do grupo, assim, toda a realidade era igualmente sagrada. Isso ficava confirmado pela falta de hierarquia dentro da organização grupal.

Mas quando nossos antepassados passaram a se alimentar de produtos cultivados no campo, a organização coletiva deixou de ser familiar; o mando

concentrou-se em uma pessoa, enquanto os demais somente deviam obedecer. Como dizemos, os mitos eram configurados pela forma de vida do grupo; por isso o sagrado nos povos agrícolas também teve que se ver como concentrado em uma entidade, em uma espécie de superindivíduo. Sua religião mudou. Deixaram de ver o sagrado, embebendo toda a realidade ao seu redor, para situá-lo distante do mundo: no céu.

A mudança a respeito do sagrado fora total. Tinha-se deslocado para o céu e de lá passaria a guiar o terrestre. O sagrado era agora alheio, afastado, estranho aos humanos e, por causa disso, passaria a ser necessária, pela primeira vez na história, a ajuda de intermediários para interpretar a vontade divina. As sociedades agrícolas se organizaram hierarquicamente como em uma pirâmide de poder. Em seu vértice superior se situava o rei, cujo poder vinha diretamente do céu, e através dele iria se expandindo por toda a pirâmide hierárquica. Todos participariam do sagrado mediante a obediência a seus superiores hierárquicos. Os rituais que acompanhavam a nova mitologia tiveram também que mudar para se adequar a ela.

Alguns povos, terminada a época da caça, passaram a viver do cuidado dos rebanhos. Para eles também houve transformação na maneira de ver a realidade, de se coordenar entre os membros, e de conceber o sagrado. Suas sociedades se estruturavam em tribos, pelo que, para eles, o sagrado tinha se conectado com os antepassados e profetas. Como sua sobrevivência dependia da manutenção e da reprodução do gado, viam a morte como uma ameaça. A vida estava em confronto com a morte. Essa concepção refletiu-se em sua mitologia, o sagrado. O superior foi interpretado como dividido em dois: uma divindade boa, que propiciava a vida, e outra má, que ocasionava a morte; as duas sempre em luta, em um enfrentamento que não ocorria no Céu, mas na Terra. Aqui também podemos imaginar que se supôs que o sagrado tinha passado, em vez de estar em tudo, como nos casos dos caçadores, a se encarnar na luta de dois princípios opostos no seio da história.

Os estudos nos levam a descobrir que todas as maneiras de interpretar o sagrado são condicionadas às formas humanas de sobrevivência. Essas moldam por completo a visão da realidade. A religião não escapa dessa condição. As religiões, como conjunto

de mitologia e rituais, são as maneiras de interpretar o sagrado nas sociedades pré-industriais. As religiões estão, pois, ligadas a algumas determinadas formas de viver pré-industriais e, se essas mudarem, farão mudar também as formas religiosas.

Olhando a nossa história em conjunto, podemos constatar que a religião tem sido uma constante, ainda que suas formas tenham variado. Isso nos leva a poder dizer que, nos humanos, se dá a capacidade de suspeitar de que a realidade que nos rodeia e também as pessoas remetem a “algo” mais além delas próprias. Nossos antepassados interpretaram esse “algo” segundo a cultura que lhe coube viver. As formas que as diversas culturas lhes deram são diferentes, mas o que há de comum em todas elas manifesta a capacidade propriamente humana de poder ter notícia dessa dimensão, situada mais além de toda a forma cultural, mas modelada por ela.

Tudo isso nos leva a concluir que se as mudanças que nos coube viver são próprias de uma mudança de cultura, então causará uma transformação da forma de viver, de ver a realidade e também de interpretar o sagrado. Como aos nossos parentes longínquos, esta nova situação cultural vai exigir de nós uma transformação dolorosa e incômoda, visto que é inevitável. Mas hoje temos uma vantagem sobre eles: a de saber que somos nós mesmos que devemos resolver o vazio no qual nos está deixando o fim da cultura pré-industrial; ninguém de fora virá nos socorrer. Agora sabemos que as religiões são uma construção humana condicionada pela cultura de um momento histórico, e que, por isso, quando há uma mudança de cultura grave, se dará uma mudança na religião.

As formas religiosas do passado eram ligadas a mitos e ritos, e hoje esses mitos estão se tornando opacos, lidos a partir de nossa cultura cada vez menos agrícola, menos ganhadora à maneira pré-industrial, menos hierárquica, menos autoritária. Não é que nós tenhamos nos tornado piores que nossos antepassados, é que nossa linguagem e a das mitologias pertencem a culturas diferentes. Mas deveremos ter a precaução de não descuidar hoje daquela “dimensão espiritual” que ultrapassa toda a expressão cultural humana, aquilo que nossos antepassados chamaram de Deus. Se caso nos esquecermos disso, então ficaremos presos na pura animalidade.